

MAISON WORTH ¹

Paul Poiret

Costureiro francês (1879-1944).

Ao final de meu serviço militar, sonhava retomar minhas ocupações habituais e quis reatar com a costura. A melhor maneira de entrar em contato com as grandes *maisons* era me tornar um desenhista. Encontrei antigos clientes e, claro, o Senhor Worth. A Maison Worth era, naquela época, dirigida pelos dois filhos desse grande costureiro que vestia a imperatriz Eugênia. Chamavam-se Jean e Gaston. Foi Gaston quem me fez a seguinte proposta:

-- Meu jovem, você conhece a Maison Worth que, desde muito tempo, vestiu as cortes do mundo inteiro. Ela possui a mais rica e superior clientela, mas hoje essa clientela não usa exclusivamente vestimentas solenes. As princesas, às vezes, pegam ônibus e andam a pé pelas ruas.

Jean, meu irmão, sempre se recusou a fazer certos vestidos, que não eram para ele de bom gosto, vestidos simples e práticos, para os quais, no entanto, havia demandas. Estamos como que dentro de um grande restaurante, onde gostaríamos apenas de servir trufas. Porém, temos a necessidade de criar uma seção para servir batatas fritas.

Percebi, imediatamente, que ele desejava que eu assumisse esse trabalho para a Maison, e eu aceitei imediatamente. Aliás, era brilhante essa condição. Comecei, então, a fazer modelos que eram vistos com restrições pelas vendedoras, mas que agradavam ao público.

Conheci um gênero de vestido que eu nunca tinha me deparado até então. Quis me inteirar daquilo que havia sido feito antes de minha chegada e passei a examinar, por várias

vezes, todos os modelos em produção. Folhee até mesmo os álbuns que mostravam toda a exuberância do Senhor Worth, costureiro de Tulherias². Eles estavam repletos de amostras e de aquarelas que dizia muito a respeito do gosto da corte da imperatriz. Lembro-me bem de um vestido *crinoline*³, cuja parte inferior era composta de fios telegráficos, que formavam caracóis rodeados de andorinhas empalhadas...

Outro vestido, da mesma época, possuía grandes *ecargots* bordados. Não procurava me aproximar do estilo da casa que, aliás, devo dizer, evoluíra bastante. Os vestidos que agora saíam das mãos de Jean eram verdadeiras obras de arte e de pureza. Ele pesquisava muito nas telas de antigos mestres. Eu mesmo vi idéias magníficas serem tiradas das pinturas de Natier e Largillière. Estava rodeado de mulheres habilidosas. Uma, em particular, que drapeava os corpetes, como no *Grand Siècle*⁴, nos cetins lisos ou brocados, que se mantinham como armaduras e revelavam a leveza dos quadris. Uma longa manga de tule era suspensa logo acima do cotovelo por uma seqüência de diamantes, terminada por uma grande esmeralda. (Uma vez que ele não concebia que se pudesse fazer um vestido desprovido de opulência.)

Compreendia bem a razão pela qual as minhas ilocubrações de homem comum pareciam pobres e penosas. O senhor Worth não estava muito feliz com a presença de um elemento que, para ele, diminuía a reputação da casa. Ele não gostava muito de mim porque, a seus olhos, eu representava o novo, e possuía uma força (ele assim sentia) demolidora de toda sua imaginação. Quando lhe mostrei o modelo de um *petite robe tailleur*, de repente, eu o vi empalidecer (estava extremamente nervoso) e se dirigiu à sua comitiva habitual de bajuladores:

— Chamariam isso de um vestido? Ele é repugnante. Para impedir que continuasse seu discurso, fui me esconder no escritório pelo constrangimento. Entretanto, o asqueroso vestido se tornou muito rentável. Provavelmente, aconteciam tempestuosas discussões entre os dois irmãos a meu respeito. Sentia-me odiado por um, e respeitado por outro. Gaston Worth, que só se preocupava com a lucratividade, previa a atual ameaça que pairava sobre as cortes estrangeiras.

Um dia, a *maison* se encheu de veludos carmin, só se falava em *crimson*, a cor dos mantos solenes da corte inglesa. Anunciava-se, então, o próximo coroamento de Eduardo VII. O Senhor Jean Worth mostrou-me orgulhosamente a nota que vinha da corte inglesa, apontando a etiqueta oficial. Toda a nobreza se vestia, segundo cada título e longevidade, com caudas mais ou

menos longas e com peles de armínio⁵ Durante três meses, só fabricávamos mantos de corte. Viam-se mantos por todo o estabelecimento, pois não se supunha manusear o frágil veludo, de tradição secular, sobre as mesas de trabalho. O tecido poderia ser danificado. Eram utilizados manequins de madeira para a modelagem, a cauda em construção era pregada sobre o assoalho; esquadras de operários meticolosos rodeavam apinhados os manequins, como arcediagos⁶ em torno de uma relíquia. O Senhor Worth mostrava a todos essas obras-primas hieráticas que pareciam representar o ápice da beleza. Ele exultava. Juro que jamais compreendi o que havia de admirável naquilo tudo. Comparava-as às convencionalidades em panos vermelhos e franjas douradas que eram produzidas pela Maison Belloir para grandes casamentos e distribuição de prêmios em cerimônias municipais.

Um dia, na rua Paz, o Senhor Worth, que amava observar os tráfego de veículos de sua janela – hábito que o fazia se sentir onipresente –, num golpe, dirigiu-se a nós, dizendo:

-- Senhoras, a princesa Bariatinsky!

E eu vi que seu coração batia mais forte.

Todas as vendedoras levantaram-se em um único movimento. Cadeiras foram arranjadas ao longo da parede, como que para uma revista, todos se colocaram em direção ao elevador. Os recém-avisados saíram de todos os corredores repentinamente. Todos aguardavam em fila indiana à porta e o Senhor Worth impedia com a mão os latidos do cachorrinho que queria participar da alegria. Eu, o último da fila, estava curioso para ver a bela princesa, que causava esse estrondo.

O elevador não chegava. Carregava, sem dúvida, um grande peso. Quando chegou, frustrei-me ao ver apenas um pequeno e rechonchudo pajem em negro, com o rosto ruborizado, arcado sobre suas duas bengalas e fumando um grande charuto. Todos se inclinaram ou fizeram uma leve genuflexão. O Senhor Worth estava curvado. A princesa lhe disse com uma voz segura e um perfeito sotaque russo:

-- Worth, mostre-me suas confecções.

Era dessa maneira que ela se referia às vestes.

Senhor Worth a fez sentar-se em várias cadeiras, enquanto diversos manequins eram deslocados. Tive o prazer de mostrar à princesa uma das vestes recém-terminadas, uma novidade. Pareceria banal e quase ultrapassada, nos dias de hoje, porém, naquela época, não

havia nada igual. Era um grande quimono negro finalizado com tiras de cetim negro. As mangas eram largas e finalizadas num acabamento de bordado como as mangas das capas chinesas. A imagem de inimigos chineses logo veio povoar a mente da princesa russa. Ela pareceu gritar:

-- Oh! Que horror! Quando degolamos os vilões que assolam nosso país, colocamos suas cabeças em sacos parecidos com isso...

Já podia me sentir em um desses sacos. Desapareci, desencorajado e desesperado, supondo que nunca mais agradaria princesas russas. Pouco tempo depois, surgiu uma oportunidade para que eu fizesse, em Paris, os meus vestidos prediletos para as mulheres que eu mais admirava. Na rua Auber, um local estaria disponível. E uma das vendedoras da *maison* vizinha também estaria livre. Comecei a sentir minhas "asas" prontas para o vôo; havia seguido o conselho do Senhor Doucet, e tinha uma bela amante famosa pela elegância, a quem eu vestia. Tentaria minha sorte.

Nessa época, eu morava na cidade de Auver-Sur-Oise, onde havia alugado uma casinha, um pequeno castelo no campo, onde eu levava uma vida livre. Meu jardimzinho estendia-se até a beira do Oise. Eu podia pescar antes de me entregar ao trabalho. Todos os meus defeitos sempre foram muito maiores que minhas qualidades, era gastador e adorava a boa mesa. Minha companheira, uma alsaciana, gostava muito de cozinhar. Lembro-me de que, às cinco horas da manhã, ela deixava a sua cama para preparar a carne de coelho e as entradas para o almoço. Ela sempre preparava anchovas e filés de arenque, e quando voltava para cama, trazia no ar odores de tomilho da manhã, cerefólio⁷ e cebolinha. Porém, sua humildade de dona de casa não a impedia que estivesse sempre vestida de maneira elegante.

Lembro-me ainda de uma roupa em tecido preto com uma pequena capa, que não chegava a ultrapassar seus ombros como a túnica de Werther. Ela a usava com um chapeuzinho de duas pontas, enfeitado com uma cabeça de galo branco e de cristas vermelhas. Era pura volúpia e acredito que seria ainda mais belo nos dias de hoje. Todas as mulheres a admiravam e me faziam pensar que elas poderiam comprar tudo aquilo se ele estivesse à venda. Numa manhã, cheguei de Auvers, no escritório do Senhor Gaston Worth e lhe disse:

-- O Senhor me pediu a criação de uma seção de batatas fritas. Eu a fiz e espero que fique satisfeito, assim como eu estou. Mas o cheiro de gordura que desagrada várias pessoas está se

espalhando por toda a Maison Worth. Não será melhor instalar-me em outro endereço e fritar as batatas por conta própria? O senhor gostaria de me financiar?

O Senhor Worth sorriu e compreendeu minha impaciência. E me felicitou pela iniciativa. Mas ele não tinha condições de se envolver em outro negócio além do seu. E, com grande satisfação, desejou-me boa sorte!

NOTAS

1. Trata-se aqui do capítulo *“Chez Worth”*, retirado das memórias de Paul Poiret, no livro intitulado: *En habillant l'époque*. Paris, Bernard Grasset, 1930. A tradução desse texto, revista e refeita para esta edição, faz parte do arquivo de mestrado em Moda, Cultura e Arte do Centro Universitário do Senac.

2. Jardim parisiense localizado em frente ao antigo Palácio do Louvre.

3. Tipo de vestido que é acompanhado de um pequeno manto ou xale.

4. Século XVII.

5. Animal de pelo muito estimado.

6. O primeiro entre os diáconos.

7. Erva utilizada como tempero.